

Discurso na cerimônia de entrega do Prêmio O dia de Integração Competitiva, no âmbito das comemorações dos 50 anos do jornal O Dia

RIO DE JANEIRO, RJ, 5 DE JUNHO DE 2001

Senhor Governador do Estado do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho; Meu prezado amigo Ary Carvalho, sua família, sua senhora, seus filhos; Senhores Ministros; Parlamentares; Oficiais-Generais; Empresários; Executivos e funcionários de O Dia; Senhoras e Senhores,

Realmente, há momentos em que a emoção substitui o formalismo. Eu não diria que a razão mas, talvez, mesmo, o predomínio da lógica. Não cabe ler um discurso. Cabe dizer que, ao ver o que aconteceu nesta noite, aqui, os 50 anos de *O Dia*, os homenageados, o Ary, sua filha Ariane, o modo como isso se fez, familiarmente, é um pouco da História do nosso país; 50 anos, é bastante –para mim, não chega a ser tanto, mas é bastante.

E o que se fez em 50 anos e o que foi feito aqui, em *O Dia*, e que nós vimos, resumidamente, é um exemplo vivo do que o Brasil fez, nesses 50 anos. E fez assim, desse jeito, de Birigüi, de onde vem o Ary, lá de São Paulo: escreve um artigo, manda para um jornal; de repente, primeira página. Sucesso.

Outros, talvez, tivessem se contentado com o sucesso, aquele sucesso. Ele, não. Foi mais longe, criou empresas, multiplicou-as. E o mais importante de tudo: manteve a sensibilidade, como disse Ariane. Essa sensibilidade, nós a vimos aqui, nessas crianças que foram capazes de tocar tão bem. Nós a vimos com essa preocupação com os projetos. E, hoje, é símbolo do novo Brasil.

O novo Brasil é mercado, mas não é só mercado. É gente, é amor, é compreensão, é humildade. Mas, sobretudo, capacidade de ir além, de sonhar. Mesmo nos piores momentos. Há um novo Brasil.

Há 50 anos, o Brasil não podia sonhar em ter feito o que fez. Hoje, o dístico aí, o *slogan* – “Integração Competitiva” – era impensável, há 50 anos. Não havia integração nem dentro do País. Nem sequer as estradas permitiam. Hoje, ainda há muito buraco pelas estradas, mas ligam o Brasil todo. O Ministro dos Transportes ri, e pede mais recursos. Mas elas ligam o Brasil todo.

O Brasil no qual eu nasci, aqui, no Rio de Janeiro – e eu nasci há mais tempo, eu nasci há 70 anos – era um Brasil desconectado. Não havia como. Quando se ia para São Paulo – e eu fui para São Paulo muito menino, criança, com oito anos, nove anos – levava-se, às vezes, dois dias. A estrada era de terra. Havia aqui, na Serra das Araras, um trecho asfaltado, e lá pertinho de São Paulo. Pavimentada, mesmo, era a Rio–Petrópolis, apertada, e Santos–São Paulo. Nem São Paulo–Campinas. Nada. Não foi ontem. São 60 anos, 70 anos, 50 anos. Mas era assim.

O número de analfabetos, não tenho certeza, não está aqui o Ministro da Educação para eu consultar, mas talvez fosse o equivalente aos letrados, se não era maior. Acesso a hospitais gratuitos? Só as Santas Casas. O Estado estava longe, sobre isso. Não tinha recursos.

Quem diria? Hoje, vendemos aviões. Está aí a TAM sendo homenageada, a Embraer. Temos empresas. Muitos empresários desfilaram por aqui. Alguns disputam o mercado internacional, e não só em produtos primários. Nós, hoje, já exportamos muito mais manufaturas do que produtos primários. Na verdade, o que se chama de *commodities* são 25% da nossa pauta de exportação. Nós, hoje, temos muitas Universida-

des, muitas Universidades particulares, gente que se forma, mobilidade social. Isso já havia, mas era menor.

O Brasil mudou muito nesses 50 anos. Mas não perdeu essa característica que *O Dia* também não perdeu: essa da sensibilidade, da compreensão. E quem fala hoje é uma pessoa que tem lutado. Nós todos aqui temos lutado. Eu sinto a luta. Para chegar ao que chegou *O Dia*, imagino o que foi isso. Não é fácil. Recompensa. E o que mais recompensa é que a gente olha e vê que há novas gerações. Os colaboradores, eu vi aqui e pensei até que estivessem lendo o discurso. A filha, meu Deus, parecia apresentadora de velha formação profissional, com desembaraço. Isso é o futuro. Não é só quem funda. É quem leva adiante.

É preciso valorizar essas coisas. Nós lutamos bastante para fazer deste país o que ele começa a ser. Não é fácil. Não é preciso recuar 50 anos. Há poucos anos, a desordem aqui era imensa. No início dos anos 90, a inflação nos engolia a todos. Os sindicatos, um pouco antes, não tinham expectativa de sentar-se à mesa com os patrões. Eu participei, assisti às greves de São Bernardo. Estava lá. Eu vi a repressão, não só nas greves de São Bernardo. Eu vi a repressão política também.

Hoje? Hoje é tudo diferente. Hoje, o clima é de liberdade. Talvez nunca tenhamos tido tanta liberdade no Brasil – tanta liberdade. Hoje o clima – aqui foi dito – é de democracia, mas é também de construção, é de crença, de crença no futuro.

Acho que este encontro desta noite é uma espécie de reafirmação, de crisma de quem já foi batizado mas quer confirmar que acredita. Acredita em si mesmo. Certamente, o Ary acredita nele, não com pretensão. Sempre é preciso uma dose de humildade nessa crença em si próprio, mas é preciso ter crença em si próprio. É preciso acreditar nos outros e é preciso, sobretudo, que nós, brasileiros, acreditemos no nosso país, na nossa capacidade de superar dificuldades. Se superamos várias e temos algumas para superar, algumas difíceis, agora mesmo, nós vamos superar. Vamos superar porque existe neste país gente como o Ary Carvalho, como os que colaboram com ele, gente que entende que o mundo que se integra e é competitivo tem que ter uma dose de compreensão.

Talvez, nada mais significativo do que o prêmio que recebeu o João Roberto, pelas Organizações Globo. É o reconhecimento de *O Dia*, de uma grande organização, que compete. Mas competir não quer dizer estar contra, não quer dizer açambarcar, não quer dizer excluir. Quer dizer quase como faz o Guga, numa partida: ele ganha, quase sempre. Ainda bem. Mas tem o espírito da vitória. E o espírito da vitória não pode nunca ser o de amesquinhar o derrotado.

No caso da competição entre empresas, não há derrotados. É um que avança mais, outros, menos. Talvez, a competição entre os países, no futuro, também seja assim: uns vão ganhar mais, outros, menos, mas ninguém vai querer esmagar o outro. Por enquanto, ainda não é assim. Nós ainda temos que estar com as nossas barbas de molho para que possamos ter capacidade de enfrentar os grandes desafios que apenas estão se esboçando para nós.

Mas esse espírito de competição com integração, essa crença em si e no outro e, sobretudo, essa capacidade de, ao mesmo tempo, ser gente, é o que marca o nosso país.

Essa marca, nesta noite, tem um nome: Ary Carvalho.

Parabéns, Ary!

Muito obrigado.